



REDES do TEMPO

Jornal do Museu de Sines: Número 8 | Maio 2012 | Diretor: Manuel Coelho | Edição: Câmara Municipal de Sines | Distribuição Gratuita

Entrega de prémio a Carlos Lopes Paulo em baile de Carnaval, 1958 - Coleção de Carlos Lopes Paulo

Carlos Coelho | Carlos Lopes Paulo Os “Carlos” do Carnaval de Sines

Carlos Alberto Baião Coelho nasceu a 25 de fevereiro de 1928, em Santiago do Cacém, e com 20 anos veio para Sines. Carlos Lopes Paulo nasceu a 24 de junho de 1936, em Sines, onde sempre viveu. Ambos são figuras bem conhecidas do comércio local mas são também dois dos pais do Carnaval de Sines, de que aqui lembram os primeiros tempos.

Carlos Coelho

O Carnaval recomeçou na “Esplanada Alentejana” com um grupo onomástico “Os Carlos” - um nome todo pomposo para a altura - de amigos que faziam petiscos e viagens. Estávamos a falar e alguém disse: “Porque é que não fazemos o Carnaval?” E resolvemos fazer o Carnaval. Alguém disse isto e outros prosseguiram com a ideia e o Carnaval começou.

Carlos Lopes Paulo

Éramos realmente quatro amigos, mesmo muito amigos, nós dois, o Carlos Manafá e o Carlos Vilhena.

Carlos Coelho

E curiosamente as nossas mulheres eram também quatro “Marias”.

Carlos Lopes Paulo

Depois houve muitas pessoas que aderiram. Estávamos a beber o café na Esplanada, aproximava-se o Carnaval e alguém disse: “Mas Carnaval... Estamos em Sines e não há nada? Vamos fazer aí uma palhaçada.” Eu digo: “Que mais não seja na minha carrinha, com a gente lá em cima a atirar coisas às pessoas. Isso não falha!” E pronto, a partir daí começou a tentar ver-se como se ia fazer. Eu lembro-me que nessa altura lá na loja - e isto é engraçado - vendíamos caixões, que vinham pelo caminho-de-ferro, como quase tudo, protegidos com umas grades, e foi exatamente com essa madeira que se começou a fazer o Carnaval (riso). A coisa foi sempre muito simples, mas era aquilo que estava à mão. Quando foi aquela

brincadeira, nós nunca pensámos que o Carnaval depois ia ter a aceitação e o desenvolvimento que teve. Nós sabemos que aqui há muitos anos houve de facto Carnaval, porque esporadicamente via-se uma fotografia ou outra. Mas não sei qual foi a dimensão que chegou a atingir. O que havia então eram os bailes das coletividades.

Carlos Coelho

Em Sines nunca faltaram bailes. Havia o Centro Recreativo Sineense, a “Caninha”, os clubes de futebol - o “Nacional” e o “Lusitano”. Às vezes durante toda a semana havia bailes, mas aos fins de semana havia sempre. O baile da “Caninha” era o baile mais fino, o “Centro” era o meio-termo e o resto era para a Bola.

Carlos Lopes Paulo

O símbolo do carnaval foi desenhado por Emmerico Nunes. Começámos a olhar para a terra, a ver o que é que tínhamos aqui que pudesse marcar, uma pessoa com um certo prestígio e um artista. Naquela altura ele era, e ainda agora é, uma referência em Sines e mostrou logo boa vontade. Foi muito feliz. Estas coisas quando se cria nem sempre se é feliz, nem sempre se resiste ao tempo, ao desgaste, o que é normal, mas naquele caso não, ficou, ficou mesmo. Era uma pessoa de um nível, digamos, não tanto popular, mas eram pessoas sempre ligadas à terra, que gostavam muito de Sines e que faziam qualquer coisa que se pedisse.



Carlos Coelho

Era muito amável, muito delicado. Um grande amigo a quem devo a oferta de dois quadros que muito estimo.

Carlos Lopes Paulo

Eu acho que uma das coisas que ajudou o carnaval é que era na época do “defeso”. As traineiras não iam ao mar durante um mês ou dois e as camionetes estavam disponíveis para fazer os carros de carnaval. Só depois passaram a ser utilizados atrelados e assim ocupavam-se os atrelados e não se ocupava uma camionete, porque aquilo começava a compor-se e se calhar eram ali oito dias parados.

Organizámos depois uma comissão. Eu estive alguns anos na comissão, quando se resolveu que aquilo assim não podia crescer. Fomos pedir a algumas empresas e estabelecimentos que havia em Sines a ver se eles colaboravam e se cada um fazia um carro. Como o meu pai tinha uma empresa eu saí da comissão de carnaval para ir fazer os carros.

O primeiro carro que fizemos foi exatamente em 1958. Eu sei disso porque está gravado nas taças. Tive o segundo prémio nesse ano. Eu penso que o carro mais bonito que fiz era uma concha que abria e fechava, onde cabiam duas meninas, todo branco. Quando a concha entrava na vila, toda fechada, elas tinham uma manivela lá dentro e abriam-na.

Era no atual Salão do Povo - que na altura se chamava “Salão do Carnaval” - que se construíam os carros. Lembro-me de uma vez - era mesmo o dia de sair - chovia, cho-

via, e como já sabem, era tudo pessoas que trabalhavam e só faziam aquilo à noite. Por isso aquilo a acabar era uma coisa terrível, naquela noite ninguém dormia, ou em duas noites. E chovia, chovia, chovia... era para sair às 15 horas e toda a gente a trabalhar com afinco e eu a olhar para aquelas pessoas e a pensar: “Será que as pessoas já pensaram que está a chover e que isto não pode sair?” E então não é que às três horas deixou mesmo de chover e aquilo saiu? Nunca mais me esqueci disto.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, em março de 2012.

Nota prévia

Em 2012, Sines comemora os 650 anos da elevação a vila, por D. Pedro I, os 500 anos do Foral de D. Manuel I e os 50 anos do Museu de Sines. Esta coincidência é motivo de uma celebração que, entre outros meios, se faz pela recordação do modo como, ao longo do tempo, as gentes de Sines viveram os seus dias de festa. “Sines em Festa” é uma exposição patente no Museu de Sines, desde 18 de maio, e esta edição do jornal vem na sequência desse trabalho, apresentando entrevistas que fixam, na primeira pessoa, memórias das festas de Sines. Um agradecimento especial à associação PROSAS, pela colaboração dedicada que facilitou a recolha destes depoimentos.

O Presidente da Câmara
Manuel Coelho

Aida Contreiras | Maria Jacinta Moura

Os mastros de Sines

Aida de Jesus Contreiras nasceu em Sines a 25 de janeiro de 1934. Trabalhou na fábrica de conservas Júdice Fialho e, no final da década de 60, emigrou para França, de onde regressou aos 70 anos. Maria Jacinta Pereira Moura nasceu a 5 de janeiro de 1934, em Fronteira, Portalegre, e com 10 anos veio para Sines, onde foi bordadeira e doceira. Ambas recordam os mastros que animavam a sua mocidade e a saudável competição entre as várias ruas onde se realizavam.



Mastro da Vila Correia, 1949 - Coleção de Maria Jacinta Pereira Moura

Aida Contreiras

Na minha rua era um encanto o mastro que a gente lá fazia. Aqui na Rua Miguel Bombarda, em frente à igreja. Ajudei muito a fazer esses mastros. A ir buscar as plantas: folhagens verdes e malvas vermelhas que cresciam nos valados. Os meus irmãos tinham carrinhos com quatro rodinhas que faziam com uma daquelas caixas do peixe. Lá iam eles buscar o rasmono para a fogueira e buscar tudo para a gente fazer os mastros.

Para fazer as saias era com as canas verdes. As canas dobravam-se e atavam-se as flores com um fio fininho, que se comprava às meadinhas. E depois era tudo enfeitado com essas plantas. Faziam-se também flores de papel, lacinhos, e outras coisas para pôr nessas arcadas. Eu

fiz muita coisa dessa, ajudei muito. Comprávamos aquelas folhinhas de papel de seda e a gente fazia em casa, conforme o feitio que mais gostava.

Os mastros eram principalmente na minha rua, na Vila Correia e na Atalaia. Aqui à volta - na Ribeira de Moinhos, na Cadaveira e no Monte Feio - também se faziam mastros, muitos por promessas, e nesses é que se penduravam os biscoitos.

Dançava-se a noite inteira. Cantávamos e dançávamos. Era o baile "de mão dada", fazia-se o baile "de cadeia" e outros.

Maria Jacinta Moura

Havia muita concertina. Havia um senhor do campo, o Sr. Jorge, que era uma pessoa muito acessível e não levava dinheiro nenhum. Tocava e depois dávamos-lhe almoço. Como havia uma taberna à ponta da rua ele ia lá almoçar. Ninguém ajudava, era tudo o nosso dinheiro. Cada uma comprava as suas folhinhas de papel e fazia em casa.

Eu morava na Vila Correia e, para mim, esse é que era o verdadeiro mastro da terra. Era posto

mesmo em frente à porta da minha casa e, porque a rua é comprida e era toda enfeitada, não era só o mastro.

Havia várias maneiras de fazer o papel: fazíamos em argolas, fazíamos em bandeirinhas, fazíamos em coração, e misturávamos as cores para não ficar tudo igual. E a minha mãe que Deus tem, que era uma pessoa muito habilidosa, fazia bonecas muito bonitas, em papelão, e depois vestia-as de papel. À roda do mastro punha quatro e depois era pela rua fora.

Havia um senhor que tinha um carrinho com uma mula. Combinávamos o dia em que ele não trabalhava e como a rua tinha muita rapaziada da minha idade - morava lá muita gente - íamos com ele, de madrugada. Ia uma senhora de idade, que era a mestra, cuidar na malta toda, e trazíamos o carro carregado de verduras. Depois fazíamos as saias do mastro, que são quatro. É uma grande, depois é outra, outra e uma pequenina lá em cima. E todas tinham as suas "pernas". E era tudo enfeitado. Enfeitado cá no chão e depois quando o mastro estava pronto é que subia essa parte. E a rua, como era estreita, enfeitava-se de uma ponta à outra. Depois de estar tudo pronto íamos buscar junco e a rua era enfeitada com junco do princípio ao fim. Só não fazíamos fogueira porque as casas eram muito próximas.

Caía lá tudo! Aquilo era uma festa. Quando estava aquilo cheio, cheio, cheio, juntávamo-nos dois a dois e fazíamos uma

marcha. Íamos cantar para a "Boa Vista" e depois íamos ao mastro da rua da Aida e depois íamos lá para a Atalaia, para esses mastros mais pequeninos. Mas o nosso é que batia ali todos...

Aida

Arranjavam tudo como devia ser. Cada qual queria fazer o mais bonito...

Maria Jacinta

Desculpa lá, mas era sempre o meu! (Riso) Então não era? Era o maior.

Aida

Lembras-te do Chico Valadão? Esse é que ensaiava as marchas. Aqui era muito bonito, a gente com os arcos a passar uns pelos outros. Os arcos eram de canas, enfeitados com a gente fazia as saias dos mastros e com balões.

Na minha rua íamos buscar rosmaninho e fazíamos a fogueira, mesmo ao meio, um lume grande. Ai... era um cheirinho tão bom! E saltávamos a fogueira. À meia-noite saltava tudo a fogueira.

Tenho muitas recordações. De vez em quando vêm-me aquelas saudades do tempo antigo. É verdade... A gente conhecia-se todos uns aos outros.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, em março de 2012.



Aida Contreiras e Maria Jacinta Moura

Valentim Maria Estevam

Dias de festa e trabalho na Ribeira de Moinhos

Valentim Maria Estevam nasceu na Ribeira de Moinhos, em Sines, a 1 de maio de 1944. Recorda-nos os tempos em que lá viviam muitas famílias, trabalhando nos campos, nos moinhos ou lavando roupa para fora, mas também os dias de festa, em São Bartolomeu ou em volta dos mastros, quando se comia e dançava alegremente.

A Ribeira de Moinhos

Nasci na Ribeira de Moinhos, sim senhor. Aquilo era tudo cheio de gente, mais de quinhentas famílias viviam ali nos arredores: nas Caiadas, Ribeira de Moinhos, Cadaveira, naquelas zonas todas.

Nesse tempo os moinhos ainda funcionavam, os cinco moinhos que havia na Ribeira de Moinhos. Neste momento não há nenhum.

O meu pai foi ajudante de moleiro muitos anos e eu conhecia aquilo perfeitamente. As paredes ainda lá estão algumas, outras já caíram, telhados já caíram. Aquilo neste momento é só ruínas.

Aquelas rodas que faziam as mós andar eram todas movidas com a força da água. Os moinhos moíam todo o ano, verão e inverno, nunca faltou ali água. E aquela água que saía dos moinhos não era desperdiçada, era para regar o arroz, que havia arroz mesmo da Ribeira de Moinhos, não contando já com a parte de cima da Jardoá, Monte Feio e isso assim. Da Ribeira de Moinhos até ao mar era tudo cultivado de arroz. Também se descascava arroz nos moinhos. Transformavam aquilo diferente, sem ser com as mós de pedra.

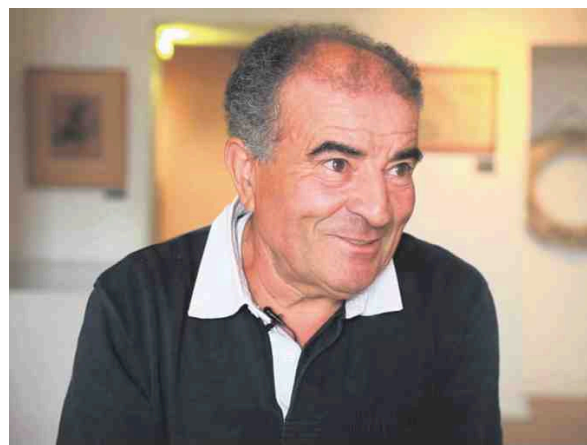
A Ribeira de Moinhos era onde toda a

gente se ia abastecer de água. A fonte era junto ao lavadouro onde as mulheres lavavam. Existem lá pedras centenárias. Aquilo começou a ser desabitado com as expropriações e entretanto muita gente que eu conhecia também morreu.

As pessoas vinham a Sines uma vez por semana para levarem o avio para casa. Depois havia aquelas mulheres como a minha avó que lavavam roupa à mão, eram lavadeiras de pessoas aqui da vila. Como não havia máquinas, cada um tinha a sua lavadeira. Lá era a roupa lavada, enxuta e muitas vezes passada a ferro e depois vinham trazê-la em sacos - chamava a gente talegos - à senhora.

Traziam esses sacos à cabeça lá do monte até Sines.

Cada uma tinha a sua pedra, lá no barranco. Chamava-se o lavadouro. Era a pedra da ti Deluvina, era a pedra da ti Maria Elias, era a pedra da ti Patrocínia, era a pedra da ti Judite (que era a minha avó), e várias outras pessoas que tinham ali as pedras destinadas. Depois a da minha avó passou para a minha mãe, da minha mãe ainda passou para a minha mulher e juntavam-se lá as pessoas a lavar.



Valentim Maria Estevam

A Igreja de S. Bartolomeu

Lembro-me também perfeitamente da igreja de S. Bartolomeu e de fazerem lá a festa.

A festa de S. Bartolomeu tem uma história. Dizia-se que a Igreja era para ser feita do outro lado do barranco. Só que depois veio o ciclone de inverno e grandes cheias e então não se conseguia passar para lá, e como não conseguiam passar roubavam o Santo cá para este lado e tanto o roubaram até que ficou deste lado, onde construíram a igreja.

Eu conhecia isso tudo, fui nascido e criado ali, sempre vivi ali!



Igreja de São Bartolomeu

Faziam uma romaria, juntavam pessoal, a malta levava lanche ou farnel, depois era rezada a missa e passava-se lá o dia.

Nesses dias de festa, a gente que matava porcos levava carne de porco e saladas de bacalhau com ovos. Ia muita gente da vila e pessoal do campo ali dos arredores e passava-se ali aquele dia.

Os mastros

Os mastros eram também uma animação daquela zona.

A malta deslocava-se de Sines para o monte, levava os farnéis e juntava-se naquelas sombras. Depois havia bailaricos de acordeão e quando não havia acordeão era com gira-discos, a que antigamente chamavam grafonolas. Na casa dos meus avós ainda vi um objeto desses.

Nos mastros penduravam-se sempre biscoitos. Depois faziam-se rifas, aquelas rifas com as cartas. Era uma mesa e a malta punha-se toda à volta. Depois marcavam quase sempre com um isqueiro ou uma faca ou qualquer coisa, depois as cartas eram dadas, três cartas cada coisinha daquelas e depois quem tivesse mais pontos era quem ganhava o peru, a galinha, o

chouriço ou a linguiça, era conforme. O meu pai tinha muita sorte naquilo e muitas das vezes saía-lhe e eu assistia.

A matança do porco

Também havia as matanças dos porcos. A vizinhança juntava-se e depois havia a ceia e no final da ceia era uma jogatana de cartas que, normalmente, era a bisca, a bisca de nove, e aquilo durava até às quinhentas.

A fartura não era muita. Matava-se um porquinho de ano a ano, salgava-se e dava quase para o ano inteiro. Tirava-se uns ossinhos, fazia-se com couve e feijão, um bocadinho de toucinho. Era assim a vida! Hoje é diferente.

Toda a gente se ajudava e acontecia o seguinte: uma família matava um porquinho esta semana e toda gente da zona recebia um presentezinho, um bocadinho de carne, um bocadinho de toucinho, um bocadinho de osso. Quando outro matava era o mesmo. Cada um dava o seu presente. Pronto, era uma família.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, em março de 2012.

Folha de Sines

Notícia de um dia de S. João em Sines em 1919

“IMPRESSÕES

Pelo S. João, de tarde, como a vila estivesse deserta, - pois toda a gente fizera caminho para a Dalda de Cima - para lá fomos também num auto-macho fazendo escala pelas baiucas da beira do caminho, que ostentavam verduras e os tradicionais mastros nos pequenos terreiros em frente da porta.

O primeiro bailarico era no Basbaque, mais adiante outro no Bulbulgão e o terceiro na Dalda onde chegamos depois de atravessar um soberbo pinhal.

Era dia de festa e as belas moçoilas da Ribeira dos Moinhos, do Chãos e de toda a circunvizinhança dos três bailaricos fluíam a eles trajando as suas galas, ostentando os seus cordões de ouro, naquele dia saídos do fundo das arcas carunchosas, para brilharem à luz doirada do sol.

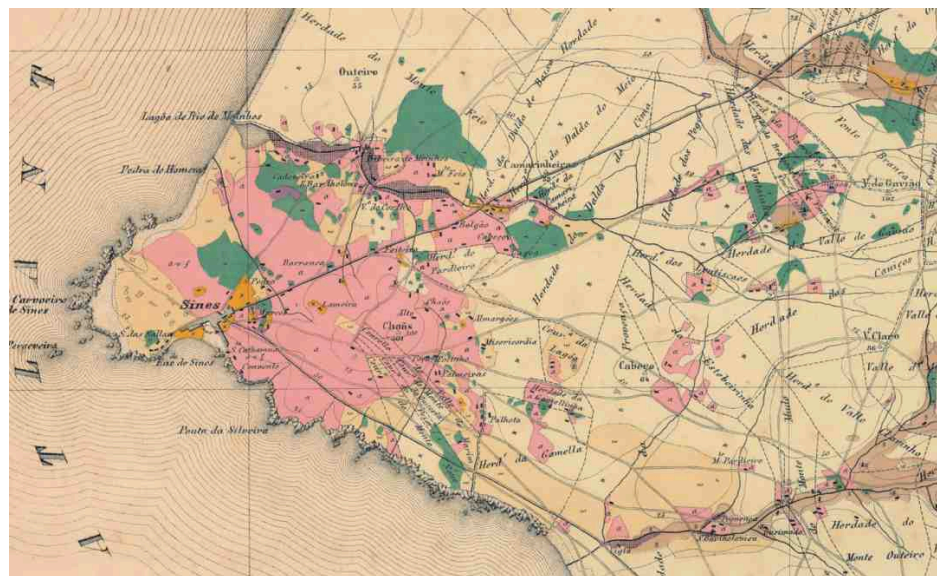
Velhotas em grupos de bom comadrio reviviam naquele bulício de festança a sua mocidade fitando os olhos nas filhas, nas netas que com o busto escultural envolto no xaile traçado, rosto risonho emergindo de cachenez bizardos enlaçadas pelos derreiros nas cinturas, se saracoteavam ligeiras ao som do harmónio ou aos requêbres das modas.

E neste saracotear, ao executar rápido de uma volta à esquerda, mostravam uma nesga de apetecível e bem torneada perna.

Folgava-se, ria-se... namorava-se porque a parte principal de um bailarico é o namoro. (continua)

1 de Agosto de 1919
Ignoto”

In “Folha de Sines”, secção «Quadros da Minha Terra»



Detalhe de carta agrícola, 1893 - Instituto Geográfico Português

O Festival Aéreo de 1969

Cacilda Prazeres da Silva nasceu a 28 de março de 1945 em Sines, onde trabalhou na Câmara Municipal e na EDP. José Augusto Martins, paraquedista e metalúrgico, nasceu em Colos a 13 de dezembro de 1949 e veio para Sines aos 7 anos. Diana Lima Almeida nasceu a 7 de abril de 1947 em Sines, onde foi empregada comercial e funcionária pública. Une-os a amizade e as memórias da juventude passada num mundo em mudança, de que é exemplo o festival aéreo de 1969, que aqui recordam.

Cacilda Prazeres da Silva

O Festival Aéreo foi uma grande festa. Realizou-se a 31 de agosto de 1969, para comemorar os 500 anos do nascimento de Vasco da Gama. Nunca se tinha visto em Sines tanta gente. Foi deslumbrante.

Foi organizado pelo brigadeiro Ivo Ferreira, que tinha cá casa. Como era muito amigo de Sines, esforçou-se para que a pista do aeródromo, que tinha na altura 500 metros, fosse alargada para 1500. Entretanto foi para o Ultramar e quando voltou já estava tudo pronto, tinha a pista de 1500 metros e tinha inclusivamente a torre, que ainda hoje lá está. E então o senhor terá pensado em festejar o acontecimento, que não tinha nada de militar, era uma coisa totalmente civil, apesar de estarmos em plena guerra colonial.

José Augusto Martins

Veio gente de todo o lado, de Beja e, se calhar, até do Algarve. Foi uma coisa que nunca tinha acontecido aqui na zona. Penso que nem em Beja nem em Setúbal, nem nada. Aqui na zona sul do país nunca tinha acontecido.

Cacilda

Eu e a minha família fomos de táxi, porque o meu tio Higinio tinha um táxi e foi ele que nos levou lá. Aquilo foi uma coisa nunca vista. Não havia espaço na estrada, mesmo antes de São Torpes, em toda aquela zona, não havia espaço para carros, a estrada só se fazia num único sentido, que era Sines - Praia de São Torpes. Era um mar de carros, carros, carros...

Diana Lima Almeida

Era gente... aquilo não se via estrada... o pinhal de Vale Píncel cheinho! E depois ia tudo fazer piqueniques naqueles arredores todos.



Manuel Pedro Prazeres da Silva em Tancos, década de 1960 - Coleção de Cacilda Prazeres da Silva

Cacilda

Os aviões vieram diretamente da base de Tancos e, é claro, hoje toda a gente sabe o que é um festival aéreo, mas naquela altura era uma novidade, as pessoas ficaram muito espantadas. Eles vinham muito baixo, com um grande barulho e, no fim do festival, foram lançados os paraquedistas, entre os quais dois de Sines: um era o Zé Augusto e outro o meu irmão, conhecido aqui em Sines por Manuel Caldeira. Eles lá saltaram. Nós estávamos só a tentar vê-los, mas não conseguimos. O meu irmão disse, "Eu levo um lenço branco na bota", mas a gente não o conseguiu ver. Só soubemos quando ele vinha já com o paraquedas enrolado ter connosco todo satisfeito por ter saltado na sua terra. Aquilo foi uma grande honra para ele.

José Augusto

Quando é assim em festivais, para ser mais espetacular, o que é que a malta faz? Um abre só o paraquedas grande e depois o outro intercalado abre o de reserva, mas o de reserva temos que o puxar com as duas mãos. Mas é que o meu não insuflou assim que o libertei, caiu-me em cima... E eu por entre os pés comecei a ver o chão, porque o chão começa a subir quando nós estamos já muito perto. Eu comecei a ver o chão a subir e marimbei-me para o paraquedas, fiz a posição e tau! E fui assim para cima da pista de alcatrão. Foi necessário saber cair. Quando caí a minha tia já estava ao pé de mim. Parecia um tiro! Até fiquei parvo como é que ela chegou tão rápido ao pé de mim.

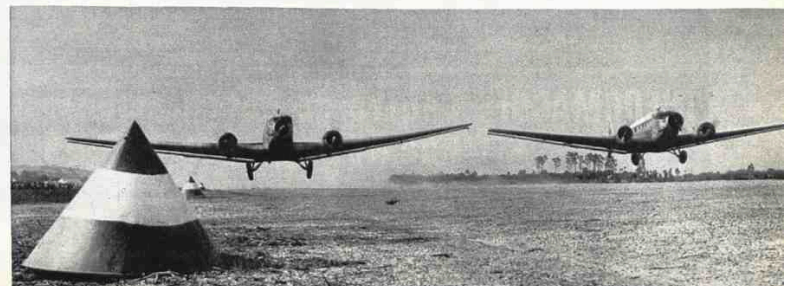
Cacilda

Mais para o final da tarde, o meu irmão pediu então ao comandante para me levar a dar um passeio. E lá fui para dentro do avião, para o único lugar que havia livre. Era o meu primeiro voo, e o piloto disse:



Organizado pelo Aero Clube de Sines com a colaboração da Força Aérea, realizou-se no passado dia 31 de Agosto um Festival Aéreo integrado nas comemorações do V centenário do nascimento de Vasco da Gama, a que assistiram, entre outras individualidades, o ministro das Obras Públicas, eng. Rui Sanches, o Director do Serviço de Instrução da Força Aérea, brigadeiro Ivo Ferreira, o governador civil de Setúbal e o presidente da Câmara Municipal de Sines.

O programa do Festival constou do seguinte: passagem em formação de uma esquadilha de «F-86»; demonstração do avião «DO-27» (voo lento, descolagem e aterragens curtas); demonstração acrobática por um «T-6»; demonstração das possibilidades de manobra do helicóptero «AL-III»; passagens baixas e acrobacia por uma formação de «T-37»; saltos de paraquedistas com abertura automática e comandada.



Revista Mais Alto . Ano XI . N.º 124. Agosto de 1969

"Então vocês querem passear ou querem brincar?" E um disse: "Queremos brincar!" Eu pensei: "Queremos brincar... aguenta Cassilda" (riso). Então eles começaram a ganhar altitude para depois virem a picar. O avião era um dos mais antigos da Força Aérea, um Junkers Ju que logo depois saiu de circulação e está agora num museu. E aquilo realmente era arrepiante, porque ao subirmos e ao descermos a minha cabeça batia em cima (o cinto estava largo) e depois dava a sensação de que por dentro ficava toda oca. Era uma sensação horrível. Foi umas duas ou três vezes, mas a minha boca não se abria nada, nada, porque eu pensava: "Os homens sabem o que estão a fazer". Até os que não estavam com cinto começaram a andar de um lado para o outro. Um bateu com a cabeça e começou a deitar sangue e começaram a gritar para o piloto, "Parem, parem!", e então o voo repetiu mais duas ou três vezes. Eles comunicaram e já estava uma ambulância quando o avião parou.

Eu lembro-me da minha mãe e do meu irmão, que já sabia como aquilo era, estarão todos aflitos para saber como é que eu iria saltar de lá de dentro...

Diana

Algumas pessoas até ficaram um bocado mal. Era tudo em cima umas das outras, naqueles aviões enormes que eram só para transporte dos paraquedistas. Nem sequer tinham onde se sentar e eu acho que muitas pessoas até iam no chão. Por isso, quando aquilo descia, as pessoas parecia que vinham do fundo da terra, sei lá!

Cacilda

Lá de cima é que ainda víamos melhor os automóveis com o reflexo do sol, em pleno mês de agosto. A Praia de São Torpes estava cheinha, aquilo era só carros, pessoas, carros, pessoas, não se via a areia.

Diana

As pessoas estavam todas contentes. A ideia que eu tenho é de grande alegria nesse dia porque eram experiências novas, tanto para nós que eramos jovens como para as outras pessoas já idosas. Era uma coisa nova, era tudo novo.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, em março de 2012.